

## A ALTERIDADE NARRADA NA OBRA DE PABLO JOSÉ ARRIAGA: UM CRONISTA EXTIRPADOR

CAROLINA DE OLIVEIRA BELTRAMINI\*

*“Todos eram considerados ‘idólatras’,  
fossem vítimas do diabo ou os  
esquecidos da Revelação”*  
Serge Gruzinski

### A vida de Arriaga e seu trabalho no Arcebispado de Lima

Pablo José Arriaga, um dos maiores extirpadores de idolatrias do século XVII, nasceu em Vergara na Espanha, não se tem certeza se em 1564, ou em 1574. Estudou no Colégio de Madrid e com quinze anos ingressou no Noviciado da Companhia de Jesus. Cinco anos depois foi para o Peru, onde se dedicou a Extirpação de Idolatrias. (BARBA, 1968, p. LIV)

As origens e formação erudita de Arriaga, certamente influenciaram nas suas concepções e no seu trabalho no Arcebispado de Lima. Ele ensinou retórica e se formou Sacerdote, também foi nomeado reitor do Colégio San Martín, no qual permaneceu por vinte quatro anos. Além disso, foi reitor do Colégio de Arequipa. (BARBA, 1968, p. LV)

Pablo José Arriaga escreveu: *“Extirpación de la idolatria Del Perú”* em 1621, período este considerado o momento auge das extirpações. O jesuíta foi responsável pela organização de uma manual da extirpação. Depois em 1601, o cronista, regressou a Espanha com a função de procurador da ordem e logo após voltou para o Peru, onde atuou de forma ativa nas Companhias de Extirpação. Em 1622, data da segunda viagem para Espanha, o barco que Arriaga se encontrava naufragou durante uma forte tempestade, levando a sua morte. (BARBA, 1968, p. LV)

Os cronistas buscavam conhecer às práticas indígenas para poder eliminá-las, segundo Leandro Karnal: “[...] é necessário conhecer profundamente o universo religioso dos indígenas para evitar que eles dissimulem e continuem manifestando suas crenças atávicas.” (KARNAL, p.17, 2006)

Karnal faz referencia a alteridade, possível de se perceber nas crônicas coloniais. O olhar sobre o outro, seja para conhecê-lo melhor, ou para eliminar aquilo que não lhe interessa, sempre proporciona o discurso de si próprio, referências da cultura de quem fala. Falar do Inca é também falar do Espanhol.

### **A Obra de Pablo José Arriaga**

A “Extirpación de la Idolatría del Perú”, obra de Pablo José Arriaga, assim como, quase todas as crônicas dos missionários dos séculos XVI e XVII, inicia reconhecendo e dedicando o trabalho ao rei da Espanha, além disso Arriaga se refere ao prazer em servir a Majestade. O cronista também dedicava tudo aquilo que era encontrado para a figura do Rei, que neste período, tinha um caráter divino. Arriaga também dedica e agradece sua obra a Jesus Cristo e a Deus, a idéia de providência divina está muito presente nos cronistas.

Pretendemos aqui analisar as temáticas perante a alteridade, as extirpações, através dos métodos propostos pela História Cultural. No entanto, trabalharemos com: a descrição, a comparação, a tradução, entre outros. O cronista inconscientemente utiliza esses processos, primeiro ele descreve e em seguida compara, para que a crônica seja inteligível a quem está na Europa, e por fim faz a tradução, que seria, a grosso modo, pegar de um lugar e levar para o outro. Na época presenciar uma cena ou ouvir um relato de alguém consagrado pelo reino Espanhol era de suma importância. Entretanto o valor dado para essas narrativas variavam de acordo com a reputação do cronista e também eram consideradas mais verdadeiras ou menos verdadeiras. (HARTOG, 1999)

A “Extirpacion de la Idolatría Del Peru” é narrada em primeira pessoa, o que reforça a idéia do discurso ocular, método explicitado por François Hartog. O historiador Luiz Estevam de Oliveira Fernandes ao explicitar este método diz: Aquilo que era escrito, a partir do testemunho era fundamental na construção da retórica na História. Enquanto aquilo que era ouvido, segundo Hartog: “o *eu ouvi* reveza com o *eu vi*, quando este último não é possível ou não é mais possível: (...) se conclui que uma narrativa presa a um *eu ouvi* será menos crível ou menos persuasiva que uma outra, vizinha, organizada em torno de um *eu vi*”. (HARTOG apud FERNANDES, p.271, 2006).

Vale lembrar, que o discurso das crônicas é visto como verdadeiro. A idéia de diferentes concepções é algo posterior. No século XVI e XVII, uma pessoa que estivesse no local, visto o fato e depois narrado só poderia estar falando a verdade, ainda mais que, este estava inspirado por Deus e agindo de acordo com a vontade divina. Um cronista missionário era sempre visto como o detentor da verdade.

Para Janice Theodoro a idéia de razão e crença são fundamentais para se entender as personagens, a historiadora aplica isso ao Colombo, entretanto acreditamos que a mesma reflexão cabe para Arriaga. Essas duas noções “indicam a presença do vínculo entre o ensamento medieval e o pensamento renascentista”. (THEODORO, p.39, 1992).

Um dos motivos que justificam as ações dos extirpadores de idolatrias na visão de Serge Gruzinski é:

*Quando, no último terço do século XVI, a Igreja peruana começa a perseguir as crenças e práticas que ela mesma difundira durante a primeira cristianização dos Andes, misturas originalmente consideradas cristãs caem no campo das trevas da idolatria e numa clandestinidade que lhes confere um estatuto bem diverso. O imprevisto e o acidental que resultam das reviravoltas ou dos fracassos pesaram tanto quanto a intervenção ou a manipulação calculada. (GRUZINSKI, p.298, 2001).*

Arriaga inicia sua obra fazendo uma interlocução com o autor. O cronista afirma:

*No fue min intento hacer historia, aunque se podía hacer muy larga e muy varia de las antiguallas, fábulas, ritos y ceremonias que tenían, y no acaban de dejar, los indios de estos reinos en su gentilidad, sino una breve y sumaria relación de lo que iba advirtiendo. Para que el libro, como dicen, de mis yerros, fuese libro de mis aciertos, y la experiencia de unos supliese la que no puede tener otros. (ARRIAGA, p.193, 1968).*

Pablo J. Arriaga considera existir Idolatria pela falta de competência dos ministros Europeus, mas também dos que estiveram na América, sendo estes na visão do jesuíta ainda mais competentes que aqueles. Arriaga chega nesta conclusão pelo fato de que em noventa anos os ministros que aqui estiveram conseguiram empregar uma nova religião e apesar de ter deixado falhas o tempo de trabalho foi menor que na

Espanha, por exemplo, processo este que também deixou uma série de problemas, no entanto em um tempo bem maior.

Arriaga dividiu o processo de extirpação das idolatrias em três fases básicas, embora elas não acontecessem sempre na mesma ordem, normalmente os três processos citados pelo cronista ocorriam, estas são:

*La primera, qué ídolos y huacas<sup>1</sup> tienen los indios, qué sacrificios y fiestas les hacen, qué ministros y sacerdotes, abusos y supersticiones tienen de su gentilidad, e idolatría, el día de hoy. La segunda, las causas de no haberse desarraigado entre los indios, pues son cristianos, e hijos y aun nietos de padres cristianos, y los remedios para extirpar las raíces de este mal. La tercera la práctica, muy en particular, de cómo se ha de hacer la visita para la extirpación de estas idolatrías. (ARRIAGA, p. 194, 1968).*

Os preceitos básicos do manual de idolatria proposto por Arriaga são os três explicitados acima. O jesuíta foi responsável por formalizar os processos de visitação das Extirpações de Idolatrias que ocorriam na América. Desta forma, o processo de Extirpação tornava-se mais mecânico e menos subjetivo, o manual criado por Arriaga foi retomado e utilizado por vários outros cronistas.

A Obra do jesuíta Pablo José Arriaga começa mostrando como se iniciaram as descobertas das idolatrias no Arcebispado de Lima. O cronista afirma que sempre se desconfiou da existência de idolatrias e que certamente elas haviam deixado rastros. Para exemplificar esta idéia o cronista cita a questão dos judeus na Espanha, o fato de que sempre sobraram resquícios, e certamente com os Incas não era diferente. (ARRIAGA, p. 195, 1968).

A idolatria na visão do jesuíta era vista como um mal que deveria ser combatido a qualquer custo. Para Arriaga o que mais contribuía para continuidade das idolatrias era a falta de padres na América e também a falta de entendimento dos povos autóctones. Segundo o cronista o mal da idolatria era um fato e muito maior do que pensavam os europeus. (ARRIAGA, p. 195, 1968).

Segundo Pablo J. Arriaga:

---

<sup>1</sup> Para aprofundar o assunto o livro: PORTUGAL, Ana Raquel. **O Ayllu andino nas crônicas quinhentistas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, v. 1. p. 133.

*Quién comenzó a descubrir este daño que tan encubierto estaba, y a sacar, como dicen, por la hebra el ovillo, fue el doctor Francisco de Ávila, siendo cura en la doctrina de San Damián, de la provincia de Huarochiri. Porque predicando de ordinario con el buen talento que Nuestro Señor le ha dado, comenzó a levantar la caza, y no queriendo la divina bondad, que verbum suum Semper revertatur vacuum, habiendo averiguado ciertas supersticiones de unos indios, los castigó, públicamente, haciendo después del castigo una plática detestando la idolatría y dándoles a entender con el ejemplo de unos santos mártires, como lo eran en testimonio de la fe, y por no haber querido adorar los ídolos y huacas habían padecido muchos tormentos y perdido en ellos esta vida temporal por alcanzar la eterna, de que gozaban ahora por grande gloria. (ARRIAGA, p. 196, 1968).*

Francisco de Ávila foi responsável pela criação de alguns princípios para se descobrir a idolatria, princípios estes que depois foram retomados e formalizados por Arriaga. Muitos indígenas acabaram se entregando aos padres católicos, na maioria das vezes por medo, algumas por conversão ao catolicismo outras sem querer.

Após a visita de Ávila na província de Huarochori, este padre esteve em algumas outras regiões e segundo Arriaga foi um dos mais importantes extirpadores de idolatrias do século XVI e início do XVII. Para Arriaga:

*El mayor trabajo que al principio se ofreció en el descubrir estas idolatrías fue de parte de la resistencia de los indios y contradicción de los españoles y de los indios en no descubrirlas y de los demás en no creer que las hubiese. Y así hallando el doctor Ávila en la provincia de los Yauyos, y en especial en el pueblo de Visca, muchas idolatrías y grandes ministros de ellas y no menores ni menos dificultades para descubrirlas, porque no las creía nadie, y que los indios descubrían a solas, y particular al visitador, lo negaban en público. (ARRIAGA, p. 196-197, 1968).*

Os padres da Companhia de Jesus seguiam pelo Peru predicando, confessando e catequizando o maior número de indígenas possível. Entretanto a partir do século XVI, além da quantidade de índios era necessário atentar-se a qualidade das catequeses, já que as idolatrias não seriam mais toleradas.

Segundo Pablo J. Arriaga era normal as crianças delatarem a idolatria para os ministros, sem querer, apontavam e levavam os missionários e os fiscais da idolatria aos lugares onde se encontravam as huacas, os indígenas considerados mártires, entre outras formas de idolatria. Cada vez os métodos para se extirpar idolatrias eram aperfeiçoados.

As idolatrias estavam em todas as partes, segundo Arriaga:

*Hallóse que en todas partes tenían sus huacas comunes de todos los pueblos y ayillos, y particulares de cada uno, que les hacían sus fiestas y ofrecían sacrificios y tenían todos guardados ofrendas para ellos, sacerdotes mayores y menores para los sacrificios y diversos oficiales para diversos ministerios de sus idolatrías, muchos abusos, supersticiones y tradiciones de sus antepasados, y lo que causaba más lástima, sumo ignorancia de los misterios y cosas de nuestra fe, que es una de las causas principales de todo este daño. (ARRIAGA, p. 199, 1968).*

As cerimônias e as festas para as huacas eram comuns, eram nesses dias de exibições que os Incas levavam os objetos para oferendas. Durante esses momentos os missionários conseguiam capturar e extirpar um maior número de idolatrias. Arriaga faz também em sua crônica uma espécie de contabilidade da catequese, oferece dados numéricos da Conquista.

A crônica de Arriaga, conforme já foi dito, é uma proposta de manual da idolatria, desta forma, o cronista formaliza os processos de Extirpação e segue a crônica tentando explicitar o que os indígenas adoravam e em que se consistia a idolatria. Vale lembrar, que Arriaga está tentando transcrever aquilo que ele vê, para alguém que está distante, um europeu que nunca esteve na América e também para aqueles que estão no Novo Mundo e que necessitam Extirpar Idolatrias. A visão do jesuíta é exagerada, muitas vezes se aumenta aquilo que está sendo visto para dar um valor maior, enobrecer o que está sendo narrado.

Podemos notar logo no início do capítulo dois a visão generalizante de Pablo José Arriaga, quando o cronista afirma que vai relatar o que adoram os povos visitados, afirmando ser o mesmo que adoram os povos não visitados, exemplificando com um trecho da crônica do jesuíta podemos perceber melhor:

“[...] pero yo haré ahora una breve suma de las cosas que adoraban todos estos pueblos, qué están visitados y que se van visitando, que son los mismos que adoran los que ni están visitados”. (ARRIAGA, p. 201, 1968).

Arriaga também faz referências a Adão e Eva, é natural um cronista ilustrar a obra com questões bíblicas. A idéia de a América ser vista como um paraíso perdido pode ser uma das explicações do porque o cronista faz referência logo a Adão e Eva, aqueles que pecaram e foram expulsos do paraíso, assim como os indígenas.

A interpretação de Pablo José de Arriaga nesta parte da crônica é completamente descritiva. Recurso este bastante utilizado pelos cronistas. Segundo François Hartog: As descrições que “têm o olho como ponto focal” organizam o visível e delimitam sua

proliferação, controlando o campo visual. Além disso, autenticam um relato a partir do testemunho: “eu vi, [logo,] é verdadeiro”. (HARTOG apud FERNANDES, p.117, 2006).

Perante a necessidade de formalizar todo o processo de Extirpação de Idolatrias Arriaga classifica os diferentes ministros existentes, são muitos de acordo com seus ministérios. Segundo o jesuíta:

*Huacavillac, que quiere decir el que habla con la huaca, es el mayor, y tiene cuidado de guardar la huaca y hablar con ella y responder al pueblo lo que él finge que le dice, aunque algunas veces les habla el demonio por la piedra. Y llevar las ofrendas, y hacer los sacrificios, y echar los ayunos, y mandar hacer la chicha para la fiesta de las huacas, y enseñar su idolatría, y contar sus fábulas y reprender los descuidados en el culto y veneración de sus huacas. (ARRIAGA, p.205-206, 1968).*

A idéia do fingimento e da conversa com o diabo é uma proposta de inversão feita por Arriaga. Segundo Anderson Roberti dos Reis:

*A presença do demônio nas narrativas do frade vai indicar a “inversão” do mesmo, sobretudo no sentido dado de que há uma ruptura entre a natureza/essência semelhante (que pode ser comparada) e a cultura/acidente que deve ser vista como o inverso. Se tivermos como certa, com Laura de Mello e Souza e Robert Muchembled, a noção de que encontramos nessas circunstâncias duas faces da mesma moeda, poderemos pensar então que a figura do demônio, representando os contornos invertidos do Novo Mundo, oferece-nos as possibilidades de refletir a respeito das semelhanças. Há uma aproximação conceitual: se existe o diabo (categoria da cultura cristã) e ele age na Nova Espanha, é porque tanto indígenas como missionários (tantas vezes provados pelas artimanhas demoníacas) partilham da mesma essência. É uma forma, também, de admitir a incorporação dos nativos à sociedade civil cristã: o problema não está enraizado na natureza, mas há uma inversão de valores provocada pela astúcia do diabo. (REIS, p.79, 2007).*

Pablo José Arriaga fala sobre a questão da bebida, segundo este cronista, os feiticeiros sempre iniciavam as cerimônias bebendo. A *chicha*, uma bebida típica dos Incas, que segundo o cronista jesuíta era bebida ruim e muito forte, feita de milho, dá início às festas para as huacas. Arriaga diz que os feiticeiros bebem demais e ficam loucos. (ARRIAGA, p.209, 1968).

Os processos de transcrição e comparação são notados na crônica de Arriaga podendo ser exemplificado no seguinte excerto: “También ofrecen llamas, que son lo que llamamos carneros de la tierra, y esto suele ser siempre en las fiestas más solemnes

de las huacas, y las sacan enramadas de flores” (ARRIAGA, p.210, 1968). O padre afirma que as “cerimônias são ridículas”, fazendo um grande juízo de valor.

Pablo José Arriaga afirma que os indígenas cometem abusos e que tinham muitas superstições, sempre tentava valorizar seu trabalho mostrando o quanto era necessária a conversão indígena, também demonstrando que a idolatria estava em todas as partes.

Os batizados, conforme afirmou Leandro Karnal, ocorreram aos montes, no entanto, os índios contavam com um nome de batismo (nome cristão) e um indígena. Para Arriaga, isso é um abuso e deve ser extirpado, segundo o cronista os nativos cometem muitos abusos, tanto nos rituais de nascimento, assim como, nos de morte. (ARRIAGA, p.215, 1968)

Com o passar do tempo os indígenas começaram a fazer suas cerimônias escondidos, e Pablo J. Arriaga interpreta que o demônio deixou de agir em público, desta forma o jesuíta foi buscar as origens e as causas da idolatria, e ele conclui que o que mais gerou idolatria na América foi à falta de doutrinas e ensinamentos que povoaram o imaginário dos nativos. (ARRIAGA, p.218, 1968)

Arriaga também afirma que o trabalho de muitos doutrinadores foi feito de forma errada, passaram-se valores equivocados, e assim, não se podia esperar que os indígenas agissem diferentemente. Para o cronista:

*De esta falta de doctrina y enseñanza nace la suma ignorancia, sin hablar con encarecimiento, que tienen las de las cosas de nuestra fe, y delante de Dios y de los hombres tienen menos culpa los indios que quien no les ha enseñado como tiene excusa de no saber matemáticas quien nunca las ha oído, y así a cada paso dicen los indios: “Nunca me han enseñado esto, nunca me han dicho esto”. (ARRIAGA, p.219, 1968)*

Os indígenas nem se quer conhecem os sacramentos básicos da Igreja, nunca ouviram falar na ressurreição dos corpos. Para Pablo José Arriaga neste momento a ajuda dos santos será fundamental para que os nativos passem a ter um melhor conhecimento da fé, não ocorrendo negligências. O fato da língua também atrapalhava bastante, com isso, as representações se tornam cada vez mais necessárias. (ARRIAGA, p.220-221, 1968)

O sincretismo fica muito claro quando Arriaga começa a descrever as adorações às huacas indígenas ao mesmo tempo em que os nativos freqüentavam as missas. Para o



jesuíta havia uma falta de vontade por parte dos autóctones para se converter ao cristianismo, uma vez que tudo estava sendo oferecido. Arriaga na metade da crônica está desiludido e afirma ser “deprimente a situação dos indígenas”. (ARRIAGA, p.223-224, 1968)

O cronista sempre ficava espantado com a quantidade de idolatrias remanescentes no Arcebispado de Lima. Durante a crônica várias vezes o jesuíta se refere a Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora. Também se refere aos fundos arrecadados e ao financiamento da Igreja para extirpação das idolatrias. Pablo J. Arriaga envia ao rei uma espécie de relatório no meio das crônicas falando de tudo o que está sendo feito.

No trecho a seguir podemos notar a descrição de uma prática de disciplina, a questão do arrependimento e novamente a idéia de que os atos de idolatria certamente estavam ligados ao diabo:

*Habiendo movido al pueblo a la disciplina del viernes en la noche, donde hubo una plática, habiendo procedido a esto un ayuno general para disponer al pueblo, después de la plática y disciplina aquella misma noche se vinieron a manifestar algunos con grandes muestras con grandes muestras de dolor y arrepentimiento, y dijeron que, aunque no habían idolatrado actualmente después de la visita acá, como antes lo habían hecho yendo a sus huacas, a lo menos no se habían excusado de hacerlo con el corazón desde sus mismas casas y chacaras, con muestras exteriores y interiores. Porque por impulso del demonio estaban persuadidos que tras de este tiempo vendría otro, donde podrían a su salvo volver a sus antiguallas con el descuido de los pastores. (ARRIAGA, p.229, 1968)*

Arriaga afirma que depois de muitas práticas de conversão e de queima de huacas os indígenas faziam festas para Nossa Senhora. Segundo este jesuíta o primeiro motivo para as idolatrias era conforme já foi dito, a ignorância dos indígenas em relação às praticas da fé católica, enquanto a segunda causa era por não terem eliminado até o momento as huacas, as conopas (ídolos menores). Entretanto, na visão do cronista é exatamente para isso que servem as missões, também era com este propósito que Arriaga criou este manual de Extirpação. (ARRIAGA, p.234, 1968)

Os castigos eram muito comuns, os nativos eram enviados para casas de reclusão, como por exemplo, a famosa prisão de Santa Cruz, uma das mais temidas pelos indígenas.

Arriaga afirma que os caminhos pelos quais os missionários era obrigados a passar normalmente eram penosos e trabalhosos, entretanto ele sempre buscava e

recomendava aos missionários que buscasse regiões onde a catequese fosse mais proveitosa, o cronista tinha um discurso completamente à favor da catequese. (ARRIAGA, p.241, 1968)

Pablo José Arriaga também recomenda que os visitantes não vão aos povoados sem os padres, todavia ele afirma que isto ocorre quase que de maneira natural, pois os visitantes não queriam ir sem os padres, uma vez que estes já realizavam a catequese e cuidavam de extirpar as idolatrias. O trabalho conjunto era visto por Arriaga como o mais conveniente para se aplicar no Arcebispado de Lima.

Os missionários ao chegar em uma nova região indígena deveriam agir com muita paciência e oração na visão de Arriaga. Sempre deveriam deixar claro para os indígenas da determinada região qual o objetivo da visita. Deixar claro que lá estavam para ensinar e não castigar. (ARRIAGA, p.243, 1968).

Arriaga faz uma explanação dos doze principais sermões, de quais procedimentos os missionários, extirpadores de idolatrias, devem seguir, segundo o jesuíta:

*La distribución de cada día es ésta: que en saliendo el sol, antes, se dicen las mismas, y mientras que se dice la primera o segunda se toca la campana para que se junte la gente que vienen a oír la segunda o tercera misa: y es bien que la oyan siempre, pues en ella les encomiendan a Nuestro Señor para que alumbre y ablande sus corazones. Acabada la misa les dice un Padre la doctrina y luego sermón, el cual no ha de durar más que media hora, y a lo más largo tres cuartos, de suerte que a las ocho ya esté acabada misa, doctrina y sermón. (ARRIAGA, p.243, 1968)*

Pablo José Arriaga faz uma longa explanação dos procedimentos da visita, do reconhecimento e da extirpação das idolatrias. Para o jesuíta o extirpador não pode temer descobrir as huacas, deve procurá-las em um trabalho minucioso.

A seguir podemos perceber uma descrição de um castigo público:

*Cuando se hallare y fuere convencido por dicho de otros, que alguno siendo preguntado escondió sus huacas o su oficio de hechicero, será castigado públicamente, aunque con moderado castigo, más afrentoso que penoso; el trasquilallos sienten mucho porque tienen por grande ornato la coleta del cabello<sup>2</sup>; convócase para ello todo el pueblo y no diga el pregón que es porque tenía huacas o era hechicero, sino porque no se descubrió y mintió cuando le preguntaron. (ARRIAGA, p.251, 1968).*

---

<sup>2</sup> A identidade do indígena com a tribo estava muito ligada ao corte de cabelo que este utilizava, no entanto um castigo desse tipo era algo muito temido e sofrido por parte dos nativos.

O método para extirpar as idolatrias proposto por Arriaga continha trinta e seis etapas, baseada em perguntas, visitas, testes, confissão, catequese, entre outros. Também existia um Edito que o visitador deveria levar para iniciar as extirpações e este era lido na primeira missa.

Nas visitas de extirpação de idolatrias os missionários deveriam:

*[...] juntos todos les hará un breve razonamiento, apercibiéndolos que les ha de examinar sus huacas, sus ritos y ceremonias, acariciándoles, con amor y, por otra, amenazándoles se encubrieren, y les dará algún termino para que lo piensen bien y hagan sus quipos, y después lo examinará a cada uno de por sí el visitador sólo aunque será bien que este también exhorte a los indios y ayude al visitador y pueda, en casos que son menester, autorizar lo que se escribiere como notario, asesor o testigo, y no es bien que empachan de descubrirse y manifestarse delante de él. (ARRIAGA, p.252, 1968)*

Por fim, Arriaga faz um apelo para que todos os indígenas digam a verdade e para que os visitantes os forcem a dizer a verdade, reforçando a ideia de que não serão castigados se assim fizerem, mas caso levantem falso testemunho os castigos devem ser rigorosos. (ARRIAGA, p.252, 1968).

Nos últimos capítulos da crônica, Arriaga faz uma espécie de resumo do que foi dito, neste une e simplifica algumas idéias. A crônica nessa parte tem um caráter maior de manual.

### **Fonte**

ARRIAGA, Pablo José. Extirpación de la idolatría en el Perú. In: **Crónicas peruanas de interés indígena**. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, v.209, 1968.

### **Referências Bibliográficas**

BARBA, Francisco Esteve. **Crónicas Peruanas de Interés Indígena**. Madrid: Biblioteca de autores Españoles, 1968.

BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie (org.). **A História da América Latina**. São Paulo/Brasília: Edusp/Fundação Alexandre Gusmão, 1998, v. 1. América Latina Colonial.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **De la idolatría: una arqueología de las ciencias religiosas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

\_\_\_\_\_. **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años.** México: Consejo Nacional para la cultura y la Artes / Fondo de Cultura Económica, 1994.

BRUIT, Héctor Hernán. Apresentação Geral das crônicas. **Revista Idéias**, Campinas, v.1, p.15, ano 11(1), 2004.

DUVIOLS, Pierre. **Cultura Andina y Represión:** procesos y visitas idolatrías y hechicerías, Cajatambo, siglo XVII. Cuzco: Centro de estudios rurales andinos, 1986.

ELLIOTT, John Huxtable. **O Velho Mundo e o Novo; 1492 - 1650.** Lisboa: Quercus, 1984, p. 52.

FAVRE, Henri. **Os incas.** São Paulo: Difel, 1974.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Histórias de um Silêncio:** As Leituras de História Eclesiástica Indiana Frei Jerônimo de Mendieta. Dissertação (Mestrado em História), UNICAMP, Campinas, 2006.

GAREIS, Íris. Brujos y brujas en el antiguo Perú: apariencia y realidad en las fuentes históricas. **Revista de Indias**, v. L, n. 189, p. 607-626, 1990.

\_\_\_\_\_. La Idolatría Andina y sus fuentes históricas: reflexiones en torno a Cultura andina y represión de Pierre Duviols. **Revista de Indias**, v. L, n. 189, p. 607-626, 1990.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais** – Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento Mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto** – Ensaio sobre a representação do outro. Minas Gerais: Ed. UFMG, 1999.

KARNAL, Leandro. **Teatro da fé – representação religiosa no Brasil e no México do século XVI.** São Paulo: Hucitec, 1998.

MICELI, Paulo. **O ponto onde estamos.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

MORAIS, Marcus Vinicius. **O sonho e o despertar por vir:** o diálogo solitário da confissão – uma reflexão sobre o sacramento da Penitência na Nova Espanha na passagem do século XVI para o XVII. Dissertação (Mestrado em História), UNICAMP, Campinas, 2006.

O´GORMAN, Edmundo. **La Invención de América**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

O´MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. Bauru/São Leopoldo: Edusc/Ed. Unisinos, 2004.

PORTUGAL, Ana Raquel. **O Ayllu andino nas crônicas quinhentistas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

\_\_\_\_\_. O jesuíta anônimo e a paródia demoníaca. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 10, n. 3, 2009.

REIS, Anderson Roberti. **Da Idolatria Indígena à Conversão Cristã no México do Século XVI**: Uma análise da Obra de frei Toribio de Montolinía. Dissertação (Mestrado em História), UNICAMP, Campinas, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei e Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

TODOROV, Tzevetan. **A conquista da América**: A questão do outro. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

THEODORO, Janice. **América Barroca**: Tema e Variações. São Paulo: Edusc, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. Idolatrias e milenarismos: a resistência indígena nas Américas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 1992.